



CORREIO EDITORIAL
 AUTORIZADO A CIRCULAR
 EM INVÓLUCRO FECHADO
 DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRIR-SE PARA
 VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 13 de Julho de 2013 • Ano LXX • N.º 1809 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Nada sem o Bispo

NA história da vida de Pai Américo, algumas vezes se percebe nela Deus a atraí-lo, a chamá-lo. São os momentos em que o jovem Américo manifesta forte desejo de ter como linha condutora da sua vida o contacto com o sagrado.

Por razões que parecem quase exclusivamente humanas, o travão que seu pai impôs ao desenrolar dos seus desejos, a sua vida seguiu semelhante à de muitos jovens do seu tempo.

Se em criança foi nítido o seu gosto pelas realidades envolvidas pelo odor divino, embora parecendo afastadas nos anos que se lhe seguiram, não cedeu nunca o seu lugar a outros atractivos que lhe fossem opostos, apesar da abundância de bens e posição social que, com o seu trabalho e boa orientação de vida, conseguiu alcançar.

É assim que, entrado na terceira década da sua vida, de novo nele se exerce essa força que na infância o fazia parecer um «beato», ao olhar de seus irmãos, em família.

Esta força atractiva é o amor de Deus. O amor atrai. O amor impele.

Reencontrado e determinado a viver exclusivamente para o Divino, pensou ser franciscano. Estivera num Convento da Ordem Religiosa; fora despedido por não corresponder à Regra. Quis regressar...

De facto foi franciscano, sem convento. Dirá mais tarde o primeiro Bispo da Beira, D. Sebastião de Resende, acerca do testemunho que foi a vida de Pai Américo, explicitado nas Normas de Vida dos Padres da Rua: «Se S. Francisco hoje tornasse ao Mundo, para ser o “Cristo” dos nossos tempos, como foi o “Cristo” da Idade-Média, não escolheria por certo, para salvação do mundo actual, normas diferentes destas».

No exercício da vida, S. Francisco de Assis procurou a confirmação da bondade e veracidade dos seus passos, junto de um sucessor dos apóstolos, no seu caso, com o próprio Sucessor de Pedro. De facto todo aquele que é atraído para uma vida de vocação con-

sagrada, não é em si que encontra a confirmação para a realizar de uma determinada forma, mas na concordância e assentimento daqueles que na sua vocação receberam esta qualidade: os Bispos.

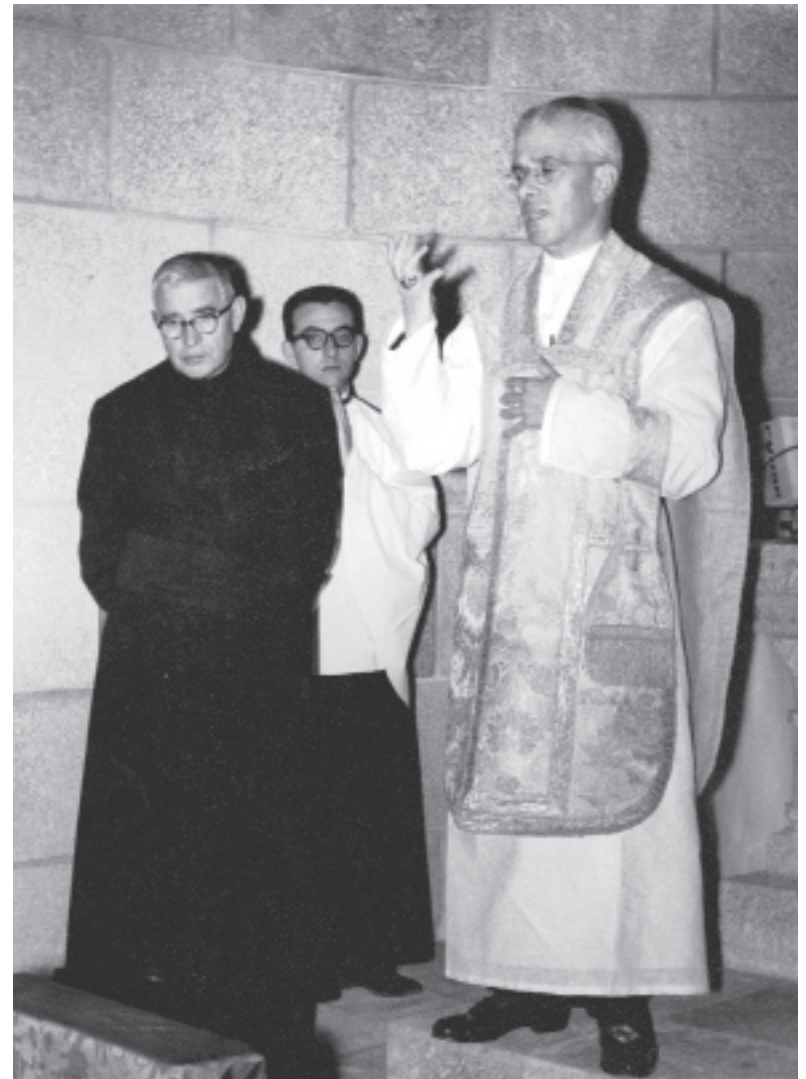
Também Pai Américo, como referem os Prelados que aprovaram as já referidas Normas de Vida, «no trabalho de amparo e socorro aos Pobres» nunca «quis fazer obra “sua”. (...) Nas horas mais importantes da sua missão de bem-fazer, com admirável espírito de fé, ele procurava a palavra de ordem da Igreja – e a Igreja era primariamente o seu Bispo. (...) *Nihil sine Episcopo*. (...) Daí lhe vinha a “segurança” e a autenticidade do seu apostolado».

Parece que quanto mais se aproxima o fim da carreira, ao contrário do que naturalmente se poderia pensar, mais escolhos urge vencer.

Nos últimos quatro anos da sua vida, Pai Américo teve no Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, uma renovada confirmação do seu apostolado, com ele testemunha da mesma Fé, exercida particularmente na defesa dos predilectos de Deus – os Pobres.

No dia em que este número d'O GAIATO sai à rua, cumprem-se 61 anos sobre a sua nomeação episcopal para a Diocese do Porto. Ao lembrarmos o dia 16 de Julho de 1956, em que Pai Américo terminou os seus trabalhos neste mundo, lembramos também o Bispo D. António Ferreira Gomes, que também após a morte de Pai Américo, foi uma presença importante nos primeiros anos de orfandade visível da Obra da Rua.

Um outro Bispo, de Coimbra, D. João Alves, que no passado dia 28 de Junho recebeu o seu definitivo chamamento de Deus, queremos também salientar, como «palavra de ordem da Igreja» na vida da nossa Obra nas décadas mais recentes, exercida na caridade que nos liga a todos que somos seus membros. □



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTÁ moribundo — para sua terra, para a África toda e para o mundo de hoje — o homem que viveu para a salvação do seu Povo, como uma Cruz plantada na grande África a apontar de braços abertos a reconciliação. Longe de mim assimilá-lo a Cristo, o Homem Deus. Mas é um sinal de reconciliação actual para o mundo virado ao avesso. Não houve na África toda uma saída da descolonização como na África do Sul. Aqui, foi tão exemplar que o País continua num novo colonialismo atroz. Dum momento para o outro, o que poderia ser pacífico virou em guerra. Pela África fora o bem-estar e o estar em cima do povo virou moda. A avidez de lucros fáceis atrai as chamadas potências mundiais. Potências de quê, se precisam dos mais pobres para manter a potência do fogo que, ainda um dia, há-de derreter toda a terra onde vivemos hoje. Já Follereau pediu que elas dessem o valor de um bombardeiro e poderia acabar a lepra no mundo. Mas que morram antes os pobres, os refugiados, os que protestam até ao heroísmo, os que perdem a cabeça no desespero, porque são um estorvo. Os

que defendem o seu poder, não hesitam passar todos os oponentes à bala. Entretanto, o mundo rico está voltado para as riquezas deste imenso continente e não há forças mentais nem morais para acabar as guerras. A vida humana, parece estar decretado, não tem valor, mas tão somente os hidrocarbonetos, os diamantes e parecidos, as madeiras preciosas, os animais raros, tudo o que materialmente é apetecível. A soberba, a gula, a intemperança são o avesso dos Mandamentos de Deus. Claro é que não cabe a culpa só aos países de África — ou muito pouco mesmo — são os grandes da economia global. E se deixassem a África construir-se a si mesma, como frisou Obama na sua recente visita?

Está Madiba, como carinhosamente lhe chamam, moribundo e toda a África do Sul está com ele. É impressionante, como toda a gente de todas as cores, raças e línguas, que podem chegar em frente do Hospital, ali depositam flores e pedras brancas com mensagens e rezam ao Deus de todos os homens por ele. Ele merece. Mais que todas as homenagens,

Continua na página 3

CALVÁRIO

Padre Baptista

16 de Julho 2013 O Calvário faz 56 anos Gemidos diários

A oferta aqui feita para alguém perder a vida ao serviço dos Irmãos doentes não teve resposta. É natural que assim seja, nos tempos que correm. Anda toda a gente a ganhar a vida. Perdê-la, seria disparate e uma loucura.

Consequência: quarenta camas permanecem vazias, embora devam ser ocupadas pelos doentes abandonados que todos os dias vamos conhecendo. E algumas situações bradam aos céus.

É uma rapariga anormal, para os lados da Feira, que vive nos baixos de uma pobre casa, em local outrora destinado a animais.

É um rapaz com paralisia cerebral. Não tem mãe e o pai está internado para amputação duma perna. Está a ser tratado pela avó com 85 anos muito gastos.

É outra criança dos lados de Viseu, também com paralisia cerebral, já sem pais e sem ninguém que a queira.

É, ainda, outra criança e com idêntica doença num hospital de Lisboa, cujos pais separados a não querem ver sequer.

É «um pedido de toda a gente da freguesia»: Um rapaz anormal vive num curral sem porta nem janelas, deitado no chão anos e anos numa autêntica enxovia.

São gemidos diários que todos os dias escutamos, vindos de todo o lado. Eu começo a não ter coragem de os ouvir mais, porque se me ferra um aperto no peito ao ter de recusar a admissão. Se sofresse de angina de peito já teria estoirado por certo.

Interrogo-me, muitas vezes, ao ver partir os gemedores dos males alheios sobre a Igreja a que pertença. Vejo-a muito ocupada com

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«PORQUE ME VISTE ACREDITASTE. FELIZES O QUE CRÊM SEM TEREM VISTO» (João 20, 29) — O mundo de hoje é um mundo da visibilidade e do espectáculo. Só “existe” o que se exhibe e é visto. Este problema, às vezes, também contamina a acção social, incluindo alguma acção vicentina. Não pode ser assim. Quem mais precisa, não é quem mais se exhibe. Quem mais e melhor ajuda não é necessariamente quem mais se exhibe e mais é visto a ajudar os outros. Deus não se exhibe e não é visível enquanto tal. Se fosse assim seria fácil acreditar n’Ele. O difícil é vê-l’O onde Ele parece que não está. O difícil é acreditar n’Ele quando achamos que Ele devia estar em certo sítio e situação e Ele parece que desapareceu e nos deixou sozinhos. O difícil é ajudar sem que ninguém veja e, depois, por causa dessa invisibilidade, até ser acusado de não andar a fazer nada. Quem crê em Deus sabe que Ele vê tudo. É esta a visibilidade que realmente conta.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

CALVÁRIO

Padre Baptista



Continuação da página 1

reuniões, com cursos, com programas, com estruturas, com festas a todos os santos, com peregrinações a todos os santuários, a tentar meter todos os seus membros nos quadros que cria. Observo que aqueles andam numa roda viva por ser e pertencer a isto mais àquilo. Todos querem ter nome nas várias assembleias e quanto mais classificadas mais atractivas, naturalmente.

Realizar coisas modestas, sem rótulo nem etiqueta, como é o cuidar de doentes totalmente incapacitados, física ou mentalmente, como serviçal que tem de se esquecer de si para pensar só nos Outros, perdendo o nome, a posição, o tempo e a vida, isto não é coisa que atraia ninguém nos dias de hoje. Descer ao último lugar ninguém quer! A ausência de resposta ao convite aqui feito, confirma-o.

Por isso me interrogo: a Igreja a que pertenco será ainda a Igreja de Cristo, a dos Pobres, a dos Pobres mais pobres que são aqueles que não têm saúde nem casa nem família nem amigos nem, às vezes, um leito para morrer? Ou será que sendo esta Igreja a de Cristo, terá ela esgotado a capacidade de fazer brotar vidas dispostas a darem-se sem condições aos mais pobres? Ele já uma vez um alto dignatário eclesiástico me escandalizou ao afirmar que hoje já não há disso! Alto lá, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor com conclusões precipitadas! Por onde anda a sua fé?

Quero continuar a alimentar a esperança. Mas por quanto tempo, se há tanto que aguardo? Teremos de fechar o Calvário ou entregá-lo à assistência pública? Nessa altura não estarei mais aqui, que a Igreja não faz assistência, mas Caridade.

O testemunho de amor puro e total que Pai Américo pretendia com este abrigo para Incuráveis não pode extinguir-se. Seria um sinal bem negativo para a Igreja. Continuo, pois, a esperar que alguém queira tentar perder a vida mergulhando de olhos fechados, mas com o coração aberto.

Bem sei que esta linguagem não entra nos ouvidos de toda a gente, mas somente nos daqueles ou daquelas que andam na onda do Reino de Deus.

in, O CALVÁRIO, 2.º vol., pp 54-57

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ENCONTRO DE ANTIGOS GAIATOS — Decorreu a 30 de Junho, Domingo, este encontro, em que se reuniram Gaiatos de várias gerações e familiares. Pelas 10.00h, foi a celebração da Eucaristia, na nossa Capela, lembrando Pai Américo e todos os que viveram nesta Casa e a ajudaram. O almoço, a merenda e o banho na piscina foram agradáveis.

DESPORTO — A 22 de Junho, Sábado, deslocámo-nos ao Lar Juvenil dos Carvalhos, convidados para uma visita e um jogo de futebol. Depois de uns bons mergulhos e de um bom almoço, o Sr. Padre Marçal (dos Claretianos) conduziu-nos ao

belo Santuário do Imaculado Coração de Maria. Bem-hajam por este belo dia!

A 30 de Junho, de tarde, jogámos com os antigos Gaiatos. O Sr. João Aurélio tem dinamizado bem esta secção desportiva.

AGROPECUÁRIA — Depois do corte da aveia e secagem, nos nossos terrenos, a 26 de Junho, dia quente, foram enfardados 520 fardos de palha, que armazenámos no nosso palheiro. Plantámos mais batatas e feijão na nossa horta. Tem-se regado o milho, pois o tempo aqueceu. Continuaram-se a cortar as ervas daninhas, na encosta voltada para a rotunda Padre Américo.

COIMBRA PATRIMÓNIO MUNDIAL — A 22 de Junho, a Universidade de Coimbra, a Alta e a Rua da Sofia foram classificadas como património mundial da humanidade, pela UNESCO. O nosso Pai Américo ajudou muito os pobres dessas zonas, conforme testemunhou e relatou nos livros *Pão dos Pobres* e *Obra da Rua*.

BISPO D. JOÃO ALVES — A 28 de Junho, partiu para a casa do Pai, com 87 anos, D. João Alves, Bispo Emérito de Coimbra, cuja Diocese governou de 1976 a 2001. Manteve-se sempre interessado pela nossa Obra. Teve Missa exequial na Sé Nova de Coimbra, na solenidade de S. Pedro e S. Paulo, em que participaram os nossos Padre Júlio (a quem ordenou) e Padre Manuel. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

DIA DE PAI AMÉRICO — O encontro/convívio dos antigos gaiatos, é já no próximo Domingo, 21 de Julho, embora todos saibamos que o dia exacto é a 16 de Julho (dia de nascimento de Pai Américo para o Céu). O programa é o habitual de todos os anos, começando, logo da parte da manhã, com a Assembleia da Associação dos Antigos Gaiatos, seguindo-se uma singela romagem à nossa Capela, ao túmulo de Pai Américo com uma deposição de flores, lembrando também a memória do Padre Carlos e restantes gaiatos, entretanto falecidos. Seguir-se-á, ao meio dia, a Missa, celebrada pelo Director da Obra da Rua, Padre Júlio. O almoço partilhado com todos os gaiatos, será ao ar livre. Pedimos encarecidamente que nos confirmem as vossas presenças, para não haver desperdícios, em tempo de crise ainda se torna mais premente ter este cuidado. Também apelamos a que cada família traga uma sobremesa para partilhar no almoço. Como também já é costume, a tarde será de convívio e claro não terminará sem

que a animação desportiva aconteça, finalizada com uma ida ao cantinho mais bonito da nossa aldeia para um banho refrescante na moderna e funcional piscina, desde que devidamente autorizados.

Desejamos um dia para recordar, pois o principal objectivo é conseguir um convívio, o mais familiar possível, em que a partilha e a sã convivência nos faça sentir que com união, todos os esforços valem a pena e a Associação continue no bom caminho para ser um ponto de encontro dos antigos gaiatos, afinal um dos grandes objectivos para que foi criada impregnada do espírito de solidariedade cada vez mais necessário e actuante nestes tempos cada vez mais parcos dos verdadeiros valores fraternais.

Façamos nós todos, força para acreditarmos num futuro mais risinho e cheio de esperança — para todos os portugueses.

PEDIDO — Como já temos noticiado, o grupo musical da Associação tem efectuado várias actuações

em eventos, quer organizados pela Associação, quer a convite de entidades. O sucesso que o agrupamento musical vem acumulando mede-se pelas solicitações para actuar, que cada vez são mais, mas, e há sempre um mas, falta-nos um (P.A.) a aparelhagem sonora, pois, temos muitos tocadores em cavaquinhos e guitarras e é mesmo necessário, para obtermos mais som de qualidade. Sabemos que os tempos são difíceis para todos os Leitores, mas atrevemo-nos a pedir, caso haja alguma aparelhagem de algum grupo musical que esteja em desuso, pedimos encarecidamente o favor que se lembrem de nós.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Temos como objectivo atingir o mais rapidamente possível a meta dos 500 associados. Apelamos mais uma vez aos antigos gaiatos que se refiliem na associação pois a quota de 50 centimos por mês é acessível a todos. Agradecemos a amabilidade de muitos associados que já estão a efectuar o pagamento antecipado das quotas para o ano de 2013. □

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — Já começou o primeiro turno da praia, com os rapazes mais novos, que estão na nossa casa de férias de Azurara, Vila do Conde, a gozar uns dias. O chefe é o Filipe, ajudados pelo casal Alberto e Guida, para que tudo corra bem.

Os rapazes têm-se divertido muito, aproveitando as ondas que o mar traz.

Também fazem as suas faxinas habituais, durante a tarde, e de manhã vão à praia.

ALDEIA — O Paulo, como é habitual, andou a cair os troncos das árvores da nossa avenida, para as proteger e parecer bem.

Outros rapazes têm andado a apañar ameixa; a limpar as ruas, a piscina e os lugares onde as ervas cresceram muito com o último inverno.

VISITAS — Um grupo de seminaristas de Évora veio conhecer a nossa Casa. Infelizmente, hoje em dia, há muitas pessoas da nossa Igreja que não conhecem o Pai Américo nem a nossa Obra.

Também, catequistas e alunos de escolas nos visitaram, podendo a amizade entre nós manter-se viva através da assinatura do nosso Jornal O GAIATO.

Bruno Alexandre

DESPORTO — Não é todos os dias que se joga com campeões. Foi precisamente o que aconteceu este fim-de-semana. Recebemos os juniores do Clube Futebol de Serzedo. Vieram em força; nada mais, nada menos, de que com os seus 25 atletas e bastante assistência. Gente muito simpática e a demonstrar muita dedicação ao seu clube e à nossa Casa. Deslocaram-se todos em carros particulares e mais uma carrinha do clube. Por vezes, não somos capazes de reconhecer o amor e carinho que esta gente tem por nós.

Em relação ao jogo, não foi nada fácil. Nesta altura do campeonato, não temos o número suficiente para alterar e colocar gente fresca dentro das quatro linhas. Mas uma coisa é certa, somos poucos, mas alguns nem parecem de carne e osso! Outros, são

o que são... importantes e conhecedores da matéria!...

Logo aos cinco minutos, sofremos um golo; que coisa tão estranha! Nelson, empatou pouco depois como quis... Se nós não fossemos «surdos» e convencidos, podíamos ter marcado mais golos assim. O Serzedo, nunca deixou de pressionar e, com alguma sorte à mistura, surge uma grande penalidade que um dos árbitros auxiliares marcou. Para os 22 atletas em campo. Nem falta era, (está na moda), mas... quem manda pode.

Já na segunda metade, o árbitro marcou falta a nosso favor fora da grande área, sobre o Joanhinha, que o próprio se encarregou de marcar fazendo o empate. O jogo nesta altura, estava ao rubro. Tanto o Serzedo como nós, lutavam pelo golo da vitória, como leões. Estava de um lado uma equipa campeã da A. F. Porto, e do outro, um mini-conjunto de Rapazes que, não queriam entregar de bandeja, ao adversário, todo o esforço, e não foi pouco, até ali despendido pela

MALANJE

Padre Rafael

Quando os Anjos trabalham sem descanso

À minha chegada, encontrei o Padre Telmo na cama, com 38,5 de febre, por causa do paludismo. Na semana anterior tinha-se-nos avariado o camiãõ-grua, mas já estava a trabalhar novamente. Um dos nossos trabalhadores encontrava-se no hospital, foi colhido por um camiãõ na estrada... Até aqui, tudo normal.

Quando fui cumprimentar as Irmãs, contaram-me a seguinte aventura: O Jamba (de apelido «Sida») foi apanhar *jiengenga* (um fruto silvestre) e encontrou um projétil no chão. Como o nosso Jamba tem uma deficiência mental, confundiu-o com um brinquedo e foi mostrá-lo aos outros «Batatinhas». Segundo eles, deram-lhe com pedras e quando se cansaram de brincar guardaram-no debaixo da cama.

No dia seguinte, enquanto fazia limpeza, um dos mais crescidos encontra o engenho e avisou um

dos chefes e este, por sua vez, avisou o *tio* Joãozinho. Chamaram a polícia para vir recolher o artefacto e retirá-lo. No dia seguinte, informaram-nos, da polícia, que o projétil estava selado e em bom estado. Afinal tiveram de detoná-lo e fazê-lo explodir.

Já passou o fim-de-semana e Padre Telmo encontra-se muito melhor. Seguramente viajará para Portugal na próxima semana.

Durante a semana passada recebemos as notas escolares referentes ao primeiro trimestre. Na verdade, os resultados não foram de todo bons, como esperávamos. Agora, vamos analisar caso a caso e ver como apoiar aqueles que estão pior. O que não vai faltar é um castigo para mentalizar os que tiveram mais negativas. Isso quer dizer que quatro negativas, é um mês de castigo.

Os tomates já estão a dar flor e as cebolas começam a crescer.

O pior acontece com as couves, pois os pássaros decidiram vir tomar o pequeno-almoço todas as manhãs. Já estamos a recolher o milho que na sua maior parte será para consumo e para semente.

Para trás ficou uma Península Ibérica em crise. Até nos é difícil entender como aquilo que poderia ser o paraíso da Europa se funde em desesperança. O pior de tudo é que aqueles que já iam a reboque, acabaram por descer do comboio e milhares se pessoas se encontram no limite da exclusão. Aonde vai parar esta sociedade de bem-estar porque trabalharam e se sacrificaram os nossos idosos.

Ajudarmo-nos mutuamente, hoje em dia, não é importante, é indispensável. É em momentos como estes que devemos superar as nossas ideologias, religiões ou opções políticas para pormos mãos à obra. É a vida que está em jogo. □

ASSIM ERA DOM JOÃO ALVES

Padre João

FOI num sábado, dia da Solemnidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo que D. João, também ele Sucessor deles, partiu para o Céu, depois de longo e fecundo Ministério Apostólico ao serviço do «Povo Santo de Deus». Esta era uma expressão que lhe era muito querida e que frequentemente usava nas suas profundas homilias.

Nesse sábado, coube-me ir celebrar ao Lar da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Setúbal. Antes da Missa, veio alguém ter comigo para que o lembrasse na intenção do Santo Sacrifício, avivando o desejo que eu já trazia.

De facto, D. João foi Vigário Episcopal desta Região Pastoral de Setúbal, ao tempo, do Patriarcado de Lisboa. Nomeado, anos mais tarde, Bispo Auxiliar de Dom João Saraiva e, por morte deste, Bispo de Coimbra.

Foi precisamente em Coimbra que nos encontramos a primeira vez numa Celebração Eucuménica, no Oitavário de Oração pela Unidade da Igreja a presidir com Dom

Ireneu Cunha, da Igreja Evangélica Metodista. Desde então, fiquei impressionado com a sua profundidade e visão de Igreja.

Mais tarde, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, verifiquei que à profundidade, correspondia uma proximidade de grande e respeitosa qualidade afectiva e pastoral, nem sempre perceptível...

Num Domingo, nos princípios de Janeiro de 1993, estava eu há poucos meses na Casa do Gaiato de Miranda, com padre Horácio, veio um numeroso grupo de Castelo Branco em visita à Casa. Veio a hora da merenda e a sala de jantar encheu-se de mimos e pessoas. Estava toda a gente em volta das mesas e lá de fora alguém anuncia: «*Está aí o Senhor Bispo...!*» Eu fiquei algo «atrapalhado», pois não contava. Padre Horácio aproximou-se e na sua grande simplicidade confidenciou-me: «*Habitue-se...!* — *O senhor Bispo costuma fazer assim...!*» As suas relações com a Casa do Gaiato eram de vivo

interesse pastoral, sem quaisquer formalidades: «*Eu sei para onde venho e já vos conheço, estou à vontade... venho sem pressa*». Dizíamos nós, os Padres da Rua, uns para os outros: «*Conhecenos como nenhum outro Bispo*». Assim era de facto, o Sr. Dom João!

Conversámos longamente «o que só Deus sabe...!» Encontrámo-nos tantas vezes... e a sua porta, sempre aberta para nós, serenamente. Era acutilante nas suas interpelações; profundo conhecedor dos tempos e da vontade dos homens, nem sempre coincidente com a nossa visão das coisas. Deixou-nos muitas e acertadas recomendações que guardamos no coração. O *Jornal Diário de Coimbra* fez-se, oportunamente, eco de muitas delas em tempos de turbulência: «*É por dentro que as coisas são...!*»

Foi um Bispo profundo conhecedor do Padre Américo e do melhor da Obra da Rua. Perdemos um amigo na terra, ganhámos um protector no Céu. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

antes o seu exemplo devia ser imitado. Mas a África está cega pelo poder, pelo ter e não pelo ser, como ele. Mas ser mesmo. Que uma coisa é falar, falar, e não passar das palavras. Como se elas bastassem para convencer alguém. Até Cristo, com tanto e tão profundo que disse, não convenceu os seus. Foi o Espírito Santo que os mudou.

Amanhã vou concelebrar com todo o clero da Diocese.

Morreu, também na África do Sul, o irmão Padre Mabuiangué.

Quando novo, também lutou aqui por uma independência honesta para Moçambique, devotado como era ao seu Povo. Não foi gigante mas deu à sua medida.

Amanhã, na hora final da Celebração, ao começar as homenagens, como é uso, vou retirar-me, pois tenho de sair a pedir... Talvez passos perdidos como tantas vezes. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 37.067 exemplares

equipa toda... Mas, no melhor pano cai a nódoa. Já muito perto do fim dos 90, uma infelicidade da nossa defesa, deixa escapar um atleta do Serzedo para marcar o golo da vitória. Resultado final: Casa do Gaiato 2 - C. F. Serzedo 3. Um resultado injusto; uma derrota com sabor a vitória. Muito embora, no futebol, eu seja pouco amigo de vitórias morais.

Neste jogo, todos os atletas estão de parabéns, pelo trabalho exemplar que desempenharam. Jogar contra duas equipas fresquinhas, não é para qualquer um.

No fim do jogo, foi-nos dado os parabéns pela equipa que temos, apesar de nem todos terem a mesma garra, a mesma determinação, o mesmo carácter e a mesma postura dentro do campo.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

Padre Acílio

Senhoras de Castelo Branco

Do interior pobre do País, num autocarro cedido pela Câmara, vieram até à beira mar, à Casa do Gaiato de Setúbal, um grupo de gente, mulheres, homens e crianças, de Castelo Branco, com a riqueza dos seus corações, as ofertas e o carinho da fé.

O primeiro encontro foi na nossa magnífica Capela, junto ao altar de Deus, onde nos foi servida a palavra divina, com leituras, salmos, homilia e cânticos. Os rapazes cantaram, leram e tocaram. Não direi que foi perfeito, mas quase.

O seu entusiasmo comunicou-se às visitas e todos comungamos da mesma alegria sobrenatural.

A maioria dos elementos deste grupo é assinante d'O GAIATO e leitor atento das minhas dores e sofrimento, não se limitando a ler e a chorar, mas perfilham-nas, partilhando as suas economias, por vezes com sacrifícios heróicos.

Trouxeram-nos, em dinheiro 4.050€; mais, muitos doces e iguarias regionais.

Os rapazes e as senhoras prepararam e serviram-lhes um requintado almoço que muito apreciaram. Em seguida visitaram a quinta, que está um espectáculo de beleza, com imensas bezerrihas muitos outros animais e aves e uma boa extensão de culturas pujantes.

Na Capela li-lhes as pinturas, expressões maravilhosas da fé cristã, postas na tela por quem crê e sabe pintar. Viram, em silêncio e comovidas, o nosso filme projectado num ecrã gigante do salão de festas.

Regressaram à sua terra com vontade de voltar. □

VINDE VER!

Padre Quim

Um homem de bem

A O sair da reunião de uma escola algures da cidade onde estuda um grupo dos nossos rapazes, levo para Casa anotações preocupantes sobre o comportamento e o fraco aproveitamento do primeiro trimestre de aulas. O que considerei como um verdadeiro atentado aos princípios educativos e, sobretudo, aos compromissos da nossa família, e ao ideal da Obra — fazer de cada rapaz um homem útil e prestimoso a si mesmo e à sociedade. Um homem de bem! E assim tem de ser para continuarmos a fazer da criança abandonada e perdida, uma criança reencontrada na família, com o horizonte posto na superação e ascensão para o bem.

Quando a escola ou o trabalho é fora de Casa, nunca sabemos, ao certo, o que se está a passar por lá. Não os podemos espreitar e vigiar como polícia, porque supomos que é preciso acreditar na responsabilidade pessoal. Este é o preço que se experimenta sempre que se deseja materializar um projecto educativo alicerçado na liberdade. E quando por liberdade ouvem falar se perdem ainda mais, julgando-se ter chegado ao estado em que se pode fazer tudo o que se quer sem limites.

O homem sofre as imperfeições dadas às coisas terrenas e perecíveis. Na criança, no adolescente, no jovem, a regra impera. Assim o homem, assim a complexidade da estrutura das Obras humanas. É preciso ter muita coragem para fazer o bem que se quer e se ama e detestar o mal que escraviza. Não desanimamos, tão pouco o podem fazer os protagonistas do seu próprio futuro: os rapazes. E vou imediatamente buscar àquela passagem do *Cantinho dos Rapazes* aquele: «*se ele quiser*». É isto que faz justamente o filho da Obra, o homem útil e prestimoso, e sem aquele *se*, a Obra da Rua não pode fazer mais nada. É aos dezoito, aos dezanove, que se não adquire o equilíbrio e o domínio de si mesmo, faz explodir um remoinho, e assim começa a tormenta. Tempo da maré alta na praia!

Qualquer rapaz pode e deve assegurar as suas responsabilidades com o cumprimento dos seus deveres. Não somos uma família onde os filhos assistem aos de fora a fazer aquilo que é devido a cada um fazer. Não estamos como assistentes sociais, somos parte activa da vida da Casa.

Começou um segundo estudo obrigatório ao princípio da noite, onde todos os da família estão presentes para superação das escorregadelas e tormentas do primeiro período de avaliação académica. Os responsáveis irão todas as semanas às escolas saber do andamento dos nossos que lá estudam. Quando a responsabilidade pessoal é fraca, deve-se recorrer aos elementos auxiliares da boa educação: a colaboração dos irmãos responsáveis dentro da família.

Há dias, veio à nossa porta um rapaz que era dos nossos, deixou a escola, meteu-se no álcool e perdeu-se. Quisemos recuperá-lo para uma instituição apropriada para drogados ao que se recusou a ir para lá. Anda triste porque o álcool não o liberta, com fome, frio e doente. Foge da vida e refugia-se nos vícios da rua. Escolheu a estrada errada, usou mal a liberdade e faz sofrer a família do gaiato que o ama. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

OS mais pobres vêm, há luz do dia, contar as suas penúrias. A tragédia que se abateu sobre eles é de tal modo pressionante que já não os incomoda o respeito humano. São forçados a assumirem o seu estado: famintos, desalojados, desesperados!...

Era Domingo. Um homem veio de noite pedir comer. Respondi que não tinha nada que lhe dar a não ser pão duro. — *Tem pão? Não faz mal ser duro, que eu faço torradas, sopas e migas. Preciso é de comer!*

Dói a gente ver irmãos com fome! Sim. Dói muito! A minha reacção não pode ser outra apenas pôr-me ao nível deles e não gastar um cêntimo em supérfluos.

Outro senhor veio depois do jantar. Homem novo. Foi escuteiro com o chefe fulano. Eu estava à mesa, como costume, ainda sentado no meu lugar enquanto os rapazes arrumavam as mesas, carregavam a loiça para a copa, limpavam, varriam o chão e punham já as mesas para o pequeno-almoço. A minha presença apazigua-os, dá-lhes sentido do dever e, rapidamente o refeitório se põe em ordem e asseio para a manhã seguinte.

Nestes dias quentes temos andado a arrancar batata e eu estava estoirado. Já não é para a minha idade nem para o meu estado de saúde, mas tem de ser e não há outro remédio, o trabalho também é penitência e a humanidade actual precisa muito dela!

Normalmente, neste lugar atendendo os rapazes, as suas necessidades e os seus projectos para o dia seguinte. A cadeira é cómoda, a minha presença útil e o corpo pede. Por vezes rezo: ou acabo o ofício do dia ou começo mesmo a hora de leituras do dia seguinte. Os rapazes não me perturbam. Eles são a música de fundo que me inspira e ajuda, ao sentir ser, para eles, a presença física de

Deus que os olha com ternura, admiração e disciplina.

O Hélio, acanhado por me ver abatido, vem dizer-me: — *Está ali um homem que lhe quer falar. Está capaz de o atender? Parece-me ser uma pessoa limpa e aflita. Se quiser, eu trago-o aqui.*

— *Não* — respondi-lhe.

Aqui não há ambiente. Estas conversas precisam de algum recolhimento e segredo. Por isso, aquele meu irmão veio de noite! Devo recebê-lo de acordo com o seu estado de espírito. Fui para o escritório onde nos sentamos frente a frente, para ele se poder abrir, na intimidade que só Deus conhece e tanto respeita.

Apresentou-se como pai de família com dois filhos, profissão de serralheiro civil, desempregado com doença cardíaca.

De repente, rapa de um saco de plástico a quantidade de documentos de dívidas à EDP, SETGAS, à Águas do Sado, rendas de casa e põe-nos em cima da minha secretária.

— *Olhe que não tenho ninguém que me valha. Há dois anos que estou doente, perdi o trabalho. Ninguém me socorre, nem a segurança social que diz não ter verbas, ninguém. Fui à igreja e o senhor Padre ao ver os papéis disse que ali não era a Santa Casa da Misericórdia. Foi um colega criado na Casa do Gaiato que me animou a vir ter consigo.*

Já havia ligado, ilegalmente, por duas vezes, no desespero cego de quem não encontra saídas e fora multado repetidamente, agravando as suas dívidas. A organização social que a gente tem?!... Ninguém vai ver. Ninguém vai analisar. Cortam-se bens essenciais à vida, como a água, o gás e a luz sem que a autoridade social intervenha e tudo piora, na cegueira contínua do mundo, a servir o dinheiro.

Não tinha cheques. Pedi-lhe que

voltasse de novo, mas adverti-o que o ajudaria, mas sem resolver, por completo, as suas dívidas. Que fosse pedir a outra freguesia onde o pároco é mais sensível aos pobres. Poderá ser que este leve o caso ao bispado e, do fundo diocesano de solidariedade, viesse alguma ajuda.

— *Não fique parado. Não desanimes, peça, que quem procura, encontra!*

Durante o dia um casal desempregado com seis filhos, sendo o último bebé, vem com seis meses atrasados de renda de casa e a ameaça de ir para a rua. Vivem num bairro de habitação social, mas o andar é dum senhorio que o comprou e agora aluga por bom preço. Políticas imediatistas e adolescentes dão este resultado: o que foi social, transformou-se em fonte de lucro para o capital.

Gente de cara limpa com amor aos filhos, bem ligados uns aos outros! Como viver assim?!...

— *Eu agarro-me a qualquer coisa — irrompeu o pai de família. — Já me ofereceram trabalho para a Alemanha, a sete euros à hora, mas tenho medo. Vou meter-me em despesas sem poder, depois poderei ser vigarizado, como outros foram, e complicar ainda mais a vida da minha família.*

A criança, de meses, estava muito inquieta e a choramingar. A mãe encostava-a a si. A tarde estava quente. A criança piorava. — *Não a aconchegue a si que aquece mais o menino.* E a senhora pôs o bebé na palma da mão segurando as costinhas com os dedos da outra.

Pagar um mês, dois meses, e depois?! Oh mundo vil, gastas tanto em diversões e prazer, olha o pobre. Olha as criancinhas com fome e sem aconchego. E tu meu irmão ou irmã sê exigente contigo próprio e ajuda-me a aliviar quem tanto padece! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Tenho fome

NO mais íntimo do santuário interior da pessoa humana, radica a fé autêntica, tão sagrada e determinante numa visão do mundo, de irmãos, e na sua vida como filhos, da família de Deus, revelado em Jesus de Nazaré.

Desde a confissão de fé de Simão Pedro, em Cesareia de Filipe, que o norte dos discípulos se orienta cintilante para a construção de uma humanidade nova, com atitudes que testemunhem o Messias, que faz o Bem, em especial aos últimos. A coerência cristã pica-nos a consciência e desperta-nos para os sítios dos indigentes. Exige-nos proximidade para a promoção humana.

Para certos iluminados, as questões do combate às misérias são apenas problemas técnicos, em que a actuação eclesial deve estar dependente e subserviente de ditames totalitários. Será que os filhos e filhas dos pobres são propriedade estatal? E os velhinhos e padecentes meros joguetes e marginais dos cuidados de saúde e na indústria do social? Há castas que têm surgido e desprezam a promoção da vida humana e querem dominar os aparelhos de poder, esquecendo-se dos mais frágeis.

No átrio da Sé Nova, em Coimbra, uma religiosa, cuidadora de infância, lamentou-se das amarras burocráticas que acorrentam o seu serviço. Afinal, parece que a separação entre o Estado e a Igreja conduz a uma intromissão descaracterizadora de certas missões eclesiais.

Dois dias antes, apesar da greve, por via de um menino, atiraram-nos com esta asserção: — *Vocês andam ao contrário...* Que o mundo gira ao contrário, muitas vezes, do caminho da justiça e da paz, é por demais evidente, infelizmente. Contudo, inquietados para ir ao encontro daqueles que estão privados das necessidades básicas, isto não é actuar contra um Estado de direito e os bons costumes. Se o essencial deve estar na mesa de todos, com o desemprego a trepar, as situações de risco disparam em catadupa. E não se pode ter medo das balas, mesmo que seja preciso rastejar.

Quando nos encontramos em margens urbanas e tomamos o pulso ao modo de vida de quem nos acicata, segredam-nos logo, como fez um pai que visitámos, desempregado: — *Traz comida?...*

Numa caminhada, de início estival, fomos nas pegadas, não na areia, mas numa ruela estreita, com gente desocupada e a meter dó. O nó da garganta apertou-se com um gemido de um pequenito de 4 anitos: — *Tenho fome...* Será anti-sistema visitar pobres e lançar pequenas gotas de orvalho no grande oceano da Caridade? A ordem do Mestre é sempre actual: *Dai-lhes vós mesmos de comer!*

Depois de uma jornada com 7 miúdos reguilas, no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, bem atendidos, cruzámo-nos entretanto com uma Criadita dos Pobres, sorridente, a servir sopa e que nos deixou esta dica: — *Não sei donde vem tanta gente! Se a multidão faminta aumenta a olhos vistos, é de pedir insistentemente ao Senhor da messe que se multipliquem os braços, pois os alimentos chegam para todos e, quando são desperdiçados, são tirados aos pobres.*

Tino, em Itália, pois a crise económica é transversal, e que serve refeições a gente da rua, como drogados, ex-reclusos, desempregados e separados, confessa o segredo para superar as dificuldades da mesa dos pobres: *O suporte da fé é fundamental.* Ora eis! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Sinais de esperança

ONTEM, ao fim da tarde, nasceu mais um filho na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi encontrado na rua, abandonado. A autoridade policial, depois das buscas possíveis para localizar a sua morada, pediu-nos para o acolhermos. Assim fizemos. Afinal, a sua origem é a cidade de Luanda, a algumas centenas de quilómetros. Tem 7 anos. Alguém o trouxe para Benguela e abandonou-o. Não tem qualquer documento em sua posse. Foi, pois, uma surpresa. Muitos outros filhos, através de intermediários, aguardam a sua oportunidade. O Jojó

Calala, porém, não podia esperar mais, na rua. De rosto bonito e coração cheio de riqueza humana, vai ser um homem, assim esperamos, com a dignidade a que tem direito. «Fazer de cada rapaz um homem», é o objectivo central do projecto educativo das Casas do Gaiato. Cada filho, cada criança, guarda, na dimensão mais profunda do seu ser, um manancial de riqueza, para o educador explorar e pôr a render para o bem da comunidade social. Este é o serviço grande da educação. Por isso, a maior riqueza duma Nação está no seu povo, nos seus filhos. Quem dera esta verdade

entrasse na dinâmica de todos os agentes sociais! Quem dera os empresários e todas as forças geradoras de riqueza financeira fossem animadas pela cultura da Solidariedade! Deste modo, teríamos um mundo sempre renovado. É verdade! As injustiças sociais gozariam do remédio preventivo e seriam curadas.

Há momentos, um grupo de jovens, da cidade do Lobito, veio visitar a nossa Casa do Gaiato. Ficaram surpreendidos. O ambiente geográfico, animado pela beleza da natureza, com o rosto dos filhos, cheio de alegria, criou neles um estado de admiração impressionante. Não conheciam, embora tivessem ouvido falar da Casa do Gaiato. O nome mais bonito que lhe podemos dar é: — Casa de Família dos filhos sem família, ou tendo-a é

como se a não tivessem. Faltou-lhes o amor. E, sem amor, não há família. Deus é Amor.

A família humana verdadeira situa-se na torrente do mistério de Deus. Encontrei, nesta verdade, a resposta para a pergunta dos jovens sobre a origem da Casa do Gaiato: — É fruto do Amor e é alimentada pela mesma riqueza. Este diálogo foi saudável para eles. Levaram consigo a vontade de ajudarem as crianças que encontram nas ruas, com gestos de carinho e não de repulsa. É, pois, uma aplicação concreta da mensagem. Como é natural, outra pergunta: *Donde vêm os apoios materiais para a manutenção da Casa do Gaiato?* Vivemos do que nos dão, ao jeito de esmolas que saem dos corações cheios de Amor. Neste momento, sobretudo, estamos

a bater à porta duma ou outra empresa, ou instituição. Quem dera não faltem as ajudas necessárias!

A ocupação dos tempos livres, da parte dos rapazes, é um factor educativo muito importante. Desde as limpezas das ruas e das casas, até ao trabalho nas oficinas e noutros sectores, temos uma mais valia na sua formação, em ordem ao futuro. Dentro de dias, terá início mais um curso de informática, incluso no mesmo princípio. Os próprios rapazes aproveitam no nosso Centro e os monitores também vieram da mesma fonte, apoiados, como sempre, pelo nosso José Luís.

Um beijinho dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós, com a esperança do vosso amor. □